

## REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DA ADOLESCÊNCIA SEGUNDO GESTORES DE ESCOLAS PÚBLICAS<sup>1</sup>

***Igor Andrade Santos***

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB

***Hétone Rodrigues Rocha***

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB

***Wallace Sousa Cruz***

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB

***Lígia Maria Portela da Silva***

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB

Resumo: este trabalho objetivou efetuar um levantamento das Representações Sociais (RS) sobre adolescentes e a adolescência, segundo gestores de cinco escolas públicas da cidade de Vitória da Conquista, Pradoso (distrito de Vitória da Conquista) e Iguai, municípios da região sudoeste da Bahia. A amostra foi composta por cinco participantes que foram entrevistados a partir de um roteiro semiestruturado. As entrevistas foram transcritas e analisadas sob pressupostos do método da Análise de Conteúdo. Desse modo, as categorias não apriorísticas correspondentes às RS encontradas foram alocadas em três subcategorias: *comportamento dos adolescentes*, *visão geral da adolescência* e *expectativa de futuro*. Concluiu-se que as RS sobre o comportamento adolescente e sobre a adolescência estão perpassadas por aspectos oriundos das ciências naturais e psicológicas, relacionadas principalmente às categorias nomeadas por *fase de mudança* e *construção da identidade*, visões mais presentes no município de Iguai. Em Vitória da Conquista e no distrito de Pradoso, as RS mais frequentes estão alinhadas às ideias de sujeitos *confusos* e *rebeldes*, respectivamente. Ademais, as *expectativas de futuro* projetadas sobre esses adolescentes, em Iguai, estão alinhadas aos ideais de futuro *brilhante* e *ético*, noções relacionadas ao âmbito profissional que esses alunos poderão seguir. Já em Vitória da Conquista, essa subcategoria foi preenchida pelas RS de *crescimento profissional* e *sucesso*. Sendo assim, observa-se a importância das políticas públicas de educação no âmbito da educação básica e da participação do conhecimento psicológico em sua elaboração, implementação e acompanhamento, fitando o desenvolvimento de relações sociais em sintonia com a promoção e garantia de direitos.

**Palavras chave:** adolescência; educação; representações sociais.

### Introdução

<sup>1</sup>Este trabalho é resultado de atividade desenvolvida no âmbito do componente curricular Psicologia do Desenvolvimento II, do Curso de Bacharelado em Psicologia da UESB, com orientação da professora Lígia Maria Portela da Silva.

O advento da pós-modernidade trouxe consigo o ambiente propício para o desenvolvimento de linhas teóricas que discutem o senso comum dando-lhe um caráter de maior destaque nos estudos científicos. Esse movimento se consolidou sem o escopo de atribuir a esse campo do saber o status de produtor de verdades, enquanto conhecimento sistematizado e, com isso, detentor de validade, mas compreendendo-o como conjunto de significações capaz de construir, decerto, realidades sociais (SPINK, 1993). É nesse sentido que são orientados os estudos que buscam a compreensão, enquanto processo e produto, das formas de apreensão da realidade de indivíduos sociais.

Por esse viés, predomina a compreensão de que o homem está imerso em um meio social antes mesmo de seu nascimento (LANE, 2004) e é mediante essa condição inerente que ele vai se constituindo enquanto sujeito estruturado e estruturante da sociedade (SPINK, 1993). Dessa forma, as experiências e relações que os indivíduos desenvolvem ao longo de suas vidas vão compondo um sistema de valores complexo, dinâmico e flexível que guia suas práticas.

Essa concepção se alinha aos pressupostos condutores dos estudos que se baseiam na Teoria das Representações Sociais (TRS). Utilizando, então, desse recorte teórico de caráter transdisciplinar, situado em uma abordagem psicossocial, é que se instrumentalizou teórica e qualitativamente esta pesquisa.

Objetivando associar os conhecimentos provenientes das ciências psicológicas sob a perspectiva das políticas públicas de educação, o presente estudo se propôs a discutir e descrever as Representações Sociais (RS) de cinco gestores de escolas públicas a respeito da adolescência e do adolescente.

Compreender, destarte, as representações que os gestores componentes da amostra deste trabalho têm em relação ao público alvo das instituições pelas quais eles respondem, concretiza-se enquanto o principal elemento da relevância social deste estudo. Ainda mais, sob a ciência de que em torno de dois mil jovens são impactados diretamente pelas concepções desses profissionais.

Em síntese, pesquisar as RS se alinha à intenção de compreender quais elementos os indivíduos utilizam para guiar as suas práticas, haja vista que, conforme afirma Jodelet (1998), o existente sistema interdependente de práticas e representações é responsável direto por muitas das ações tomadas pelos sujeitos frente a determinados fenômenos. Entender, pois,

as representações desses educadores, converge com o intento de verificar quais possíveis maneiras de enfrentamento às questões relacionadas ao público adolescente, e encontra sua importância ao proporcionar, através da psicologia, um apoio às iniciativas públicas que atendam a instituições públicas no que se refere a melhoria de seu trabalho frente aos adolescentes.

### Referencial Teórico

O aporte teórico empregado para a discussão dos dados aqui apresentados provém da Teoria das Representações Sociais (TRS) desenvolvido por Serge Moscovici em 1961 (SÁ, 1993; FARR, 2010), com a finalidade de repensar o objeto da Psicologia Social da sua época. Para Moscovici, citado por Oliveira e Werba (2005, p. 104-106), o conceito de representação social se origina na Sociologia e na Antropologia e pode ser entendido como “um conjunto de conceitos, explicações e proposições originado na vida cotidiana no curso de comunicações interpessoais”, apresentando-se como verdadeiras teorias do senso comum, ferramentas imprescindíveis para a construção da realidade social (SÁ, 1993).

De acordo com Moscovici, nas sociedades contemporâneas existem simultaneamente dois universos de pensamento: o consensual e o reificado (SÁ, 1993). Cabe, então, discutir do que se trata e qual o papel de cada um desses universos de pensamento na formação das RS. O universo consensual abarca as atividades intelectuais produzidas no cotidiano, mediante a interação social (SÁ, 1993). Desse modo, ainda segundo este autor, é a partir desse universo que as RS são produzidas. Nesse âmbito, os membros de uma sociedade compreendem-se enquanto iguais, tendo os mesmos direitos de apresentar uma opinião a respeito de determinado tema (MOSCOVICI, 2012). Já o universo reificado compõe a produção de conhecimento bastante sistematizado, especializado e estratificado, mediante o rigor de sua lógica e de seus métodos (SÁ, 1993). Segundo este autor, é nesse contexto que circulam as ciências e o conhecimento erudito. Assim, para o próprio Moscovici (2012), as ciências dispõem de maior autoridade e são as principais produtoras dos conhecimentos desse universo. A dinâmica de produção das RS depende desses dois universos de pensamento. Apesar de elas serem advindas diretamente do universo consensual, sua legitimidade depende

das relações sociais e cotidianas, bem como da inegável influência do conhecimento científico ou erudito sobre tais representações.

Estabelecidos, então, os universos de pensamento e seu papel no processo de formação das RS, cabe elucidar a composição das duas etapas pertinentes à dinâmica da construção do conhecimento: a ancoragem (enraizamento) e a objetivação (dar forma). A primeira diz respeito à adequação de algo estranho ao indivíduo, para algo “menos perturbador”, com base em parâmetros que a pessoa considera apropriados (MOSCOVICI, 2003). Já a segunda, envolve a “materialização” daquele conhecimento. Trata-se, assim, de sua concretização (SÁ, 1993).

Moscovici (2003), sintetizando todo o processo, ainda argumenta que as RS têm a função de transformar o não-familiar em familiar. Dessa forma, devem ser vistas como “um sistema de valores, noções e práticas que dão ao indivíduo formas de se orientar no mundo” (MOSCOVICI apud ARPINI, 2003, p. 22). Na mesma perspectiva, porém num sentido mais amplo, Jodelet, principal colaboradora de Moscovici, pondera que as RS são “uma forma de conhecimento, socialmente elaborada e partilhada, tendo uma visão prática e concorrendo para a construção de uma realidade comum a um conjunto social” (JODELET apud SÁ, 1993, p. 32). Ou seja, as representações sociais concretizam cognitivamente as conexões entre o indivíduo e o mundo social (MOSCOVICI, 2003). Jodelet (1998) também considera a existência de um sistema interdependente, uma imbricação que correlaciona as práticas e as representações. Nesse sentido, compreende-se que os aspectos abstratos das RS são determinantes na adoção de determinadas condutas e práticas (CAMPOS apud ESPÍNDULA e SANTOS, 2004), não sendo exceção, então, para os educadores entrevistados nesta pesquisa.

## Metodologia

Os cinco entrevistados foram contatados via e-mail ou telefone celular e, nesse momento, já correspondiam às escolas indicadas pelos pesquisadores como interessantes campos de pesquisa, devido às suas localizações geográficas e ao público atendido, predominantemente integrante das camadas mais populares. A eles requereu-se a concessão de uma entrevista gravada em áudio sob a temática educação e adolescência. A recolha dos

dados foi agendada e realizada entre os meses de abril e maio de 2018, nos municípios em que os profissionais trabalhavam na época da execução dessa pesquisa (Quadro 1). Os participantes desse estudo requisitaram e tiveram acesso prévio ao roteiro semiestruturado da entrevista, composto por vinte perguntas. Dois dos respondentes da amostra estavam indisponíveis para a concessão de entrevista. Em decorrência disso, eles escreveram suas respostas e enviaram-nas para a equipe condutora da pesquisa.

Das questões do roteiro previamente elaborado, foram selecionadas apenas oito, visto que esse subconjunto atendia mais diretamente ao objetivo deste trabalho. Desse modo, esse recorte abarcou três subtemas: *visão geral da adolescência*, *comportamento dos adolescentes* e *expectativa de futuro*. Posteriormente, as entrevistas foram transcritas para o processador de texto Word de forma literal, sem nenhuma alteração nos termos utilizados pelos participantes, preservando inclusive, os vícios de linguagem.

Finalmente, seus conteúdos foram analisados sob pressupostos do método de Análise de Conteúdo de Bardin, de acordo com a discussão de Campos (2004). Dessa maneira, trechos que caracterizavam RS correspondentes aos três subtemas foram destacados e agrupados para integrar as categorias referentes às Representações Sociais da adolescência de cada localidade.

### Grupo amostral

| INDIVÍDUO | IDADE   | FUNÇÃO                  | LOCALIDADE CORRESPONDENTE | SEXO | ETAPA DA EDUCAÇÃO BÁSICA  |
|-----------|---------|-------------------------|---------------------------|------|---------------------------|
| I1        | 36 anos | Coordenadora pedagógica | Iguaí                     | F    | Ensino Fundamental I e II |
| I2        | 44 anos | Diretor                 | Iguaí                     | M    | Ensino Médio              |
| I3        | 45 anos | Diretora                | Vitória da Conquista      | F    | Ensino Fundamental        |

|    |         |              |         |   |                          |
|----|---------|--------------|---------|---|--------------------------|
|    |         |              |         |   | II                       |
| I4 | 45 anos | Diretora     | Pradoso | F | Ensino Fundamental<br>II |
| I5 | ----    | Vice-diretor | Pradoso | M | Ensino Médio             |

**Quadro 1 - Grupo Amostral**

### Resultados e Discussão

No subtema *visão geral da adolescência*, os entrevistados de Iguai, apresentam com maior frequência as RS vinculadas à percepção de *Confusão* e *Mudança*, como pode ser evidenciado nas seguintes frases retiradas das entrevistas: “*é uma fase difícil e eu diria até que um pouco turbulenta*”, “*os adolescentes estão numa fase de enorme ebulição*”, “*onde a gente não tem certeza de nada*”, “*é a fase da mudança*”, “*causa insegurança*”, “*é uma fase onde tudo é novo, onde a cabeça do jovem, acho que tá exacerbado de sentimento*”. Estas ideias também estão presentes em outros estudos sobre RS da adolescência. Como exemplo, Espíndula e Santos (2004), que estudaram as RS de adolescentes em conflito com a lei, segundo assistentes de desenvolvimento social, encontraram a concepção mais positiva de uma fase de *Mudança* e, negativamente, a atribuição de *Confusão* ou conflito, de modo que tais representações se apoiavam em perspectivas teóricas da própria Psicologia. Esse alicerce reificado pode ser destacado das postulações de Aberastury e Knobel (ASSIS et al, 2003), que indicaram ser a adolescência um período de reestruturação da emoção do indivíduo, repleto de instabilidade.

Por outro lado, em Vitória da Conquista, a entrevistada expressa as ideias de adolescência como *Fase Difícil* e de *Construção da Identidade*, como elucidado nos seguintes trechos: “*Parte mais difícil da vida de qualquer cidadão*”, “*é uma fase extremamente complicada*”, “*tentando tomar suas próprias decisões*”, “*não sabe se você é criança ou se você já é adulto*”, “*a parte emocional deles ainda não tá formada*”. Novamente, é cabível uma correlação ao estudo de Espíndula e Santos (2004), visto que essa pesquisa também encontrou concepções “produzidas no âmbito das ciências psicológicas [...] ao tratar a

adolescência como [...] caracterizada pela busca de identidade” (p. 363). Por outro lado, Erikson (1987) atesta que o desenvolvimento cognitivo e social presente na adolescência tende a ser conflitante com as demandas sociais impostas aos adolescentes, assim como as expectativas que eles próprios têm de si. Soma-se a essa complexidade o enorme espectro de possibilidades de “veredas” pelas quais eles podem caminhar, apesar dos condicionantes socioeconômicos de cada um. A identidade em (trans)formação encontra na adolescência o momento de maior complexidade naquilo que Marie Jahoda, referida por Erikson (1987), chamou de *unidade de personalidade*.

Os entrevistados do Pradoso apresentaram uma maior diversidade de representações, no entanto se destacaram as ideias de adolescentes como sendo *Difíceis de Lidar e Rebeldia*. Corroboram com essas categorias os seguintes trechos: “são aborrescentes”, “(os adolescentes são) Sem Limites”. A comum percepção dos adolescentes como *pessoas rebeldes* apresenta ancoragens em aspectos socioculturais, mas também perspectivas biologizantes. Essas representações sociais podem afetar negativamente o modo como tais profissionais lidam com os adolescentes, visto que, conforme Abric, as RS regulam as práticas dos indivíduos (ABRIC apud ESPÍNDULA e SANTOS, 2004).

Em relação ao subtema intitulado *comportamento dos adolescentes*, os entrevistados de Iguai manifestaram opiniões que correspondem às ideias: *Mudança e Desinteresse em um Crescimento Profissional*. Essas concepções podem ser depreendidas a partir das seguintes falas: “a inquietação própria das mudanças corporais e hormonais”, “estão em constante mutação de ideias”, “a grande maioria não tem perspectiva de construir carreira”, “querem voltar ao pensamento literário do *Carpe Diem*”, “eles não têm uma perspectiva de crescimento, de sucesso”. O destaque aqui fica restrito à Representação Social a respeito do *Desinteresse em um Crescimento Profissional*. As conclusões desses profissionais baseiam-se em suas percepções sobre o empenho que os estudantes de suas respectivas instituições de trabalho apresentam em relação ao estudo. Contudo, segundo Arpini (2003), para muitos adolescentes das classes populares a “escola perde o sentido a que se propõe e eles não se sentem motivados a frequentá-la, abandonando-a assim que podem[...]” (p. 159).

Nesse sentido, os adolescentes oriundos das camadas populares, necessitam de um retorno financeiro imediato para suprir suas necessidades individuais e/ou familiares. Assim, o trabalho, seja ele qual for, é a opção mais viável e recompensadora, pois possibilita a tal

público ter acesso aos recursos (mesmo que limitados) pertinentes às suas famílias, tanto para sua subsistência, quanto para atividades de lazer (ARPINI, 2003). Desse modo, esses adolescentes abandonam a escola mediante os empecilhos em conciliar a atividade laboral, as atividades escolares, uma vez que pela via da escola o retorno financeiro é algo a ser alcançado a longo prazo (ARPINI, 2003).

Nesse contexto, o trabalho passa a ser algo com mais sentido para tais adolescentes e a escola, ao não se implicar com a realidade desse público, os exclui “[...] fazendo parecer que saíram espontaneamente, quando, na verdade, a instituição não cria as condições para garantir sua permanência [...]” (ARPINI, 2003, p. 158).

A gestora da escola da cidade de Vitória da Conquista salienta que o comportamento adolescente é *Confuso e Influenciável*. Como pode ser identificado nas seguintes expressões: “*Alguns confusos*”, “*meio perdidos*”, “*a gente percebe aquelas famílias mais presente, que o menino, ele, ele consegue é, é reproduzir aquilo*”, “*alguns se deixam influenciar negativamente*”. A segunda ideia que mais aparece nesse grupo está contemplada na entrevista com a profissional ao discutir o aspecto da formação “incompleta” dos adolescentes. Essa perspectiva de origem biológica confere a esse período da vida um caráter de limbo entre a infância e a fase adulta. A categoria *Confuso*, que mais uma vez aparece, também pode ser pensada à luz da discussão conduzida por Erikson (1987) sobre o papel da adolescência na formação da identidade do sujeito. Segundo o autor, vários elementos convergem para aquilo que seria uma instabilidade no comportamento desses jovens e a infinidade de possibilidades de futuro que se colocam diante desses indivíduos ocasionam, decerto, momentos conflitantes. Nesse sentido, por exemplo, o autor pondera que “é a incapacidade para decidir uma identidade ocupacional o que mais perturba os jovens” (ERIKSON, 1987, p. 132).

Por sua vez, os entrevistados do Pradoso apresentam as representações: *Rebeldes*, *Relaxados* e *Intensos*. Tais visões podem ser identificadas nos seguintes fragmentos das entrevistas: “*detestam seguir normas e regras*”, “*rodeados de oportunidades e muitas vezes não sabem lidar ou abraçar*”, “*adolescentes de hoje são muito jogados*”, “*eles se jogam mesmo na vivência do mundo deles*”. A concepção de *Relaxados* pode ser, na verdade, uma apreensão resultante do comportamento desinteressado dos adolescentes frente à escola e aos estudos. Esse comportamento, contudo, pode certamente ser decorrente dos fatores

socioeconômicos discutidos por Arpini (2003). Por outro lado, a RS de os adolescentes serem *intensos* pode estar relacionada a postura que apresenta autoestima elevada, de acordo o que comentam Minayo et al (apud ASSIS et al, 2003), sobre ser essa postura um mecanismo de defesa dos adolescentes frente à sociedade, a qual possuiria uma visão pejorativa da juventude.

No que diz respeito ao subtema *expectativa de futuro* dos adolescentes, os profissionais de Iguai expressam as RS *Brilhante e Ético*, como evidenciado nos trechos: “*futuro brilhante*”, “*torcer para que eles escolham o lado ético e moralmente correto*”. Essas ideias, todavia, contrapõem as RS mais comuns da adolescência que indicam futuros pouco promissores para esses indivíduos. Outra ponderação pertinente aqui deve ter como referência as ideias que mais apareceram no subtema *comportamento dos adolescentes*, da localidade de Iguai. A mesma entrevistada que defende a existência de um *Desinteresse em um crescimento profissional* constrói, nesta categoria, a projeção de um futuro brilhante aliado à ideia de uma estabilidade financeira mediante uma carreira. Percebe-se então uma intensa contradição, como já postulava Guareschi, citado por Arpini (2003). Esse autor comenta que, do mesmo modo que os saberes populares, as RS não são construídas sob a preocupação da existência de uma coerência, no sentido de não serem contraditórias.

Já a entrevistada de Vitória da Conquista desenvolve suas expectativas sobre o futuro dos adolescentes sob o ideal de *Sucesso*, conforme as expressões “*you vê o sucesso da pessoa e é o que a gente deseja pra eles, né? Que eles se encaminhem na vida*”. Ao longo da entrevista dessa gestora pôde-se perceber que o “sucesso” que ela projetava para os alunos de sua instituição de ensino é marcado pelo valor que a sociedade dá ao trabalho. Pouquíssimas vezes a entrevistada projetou profissões receptoras de maior prestígio social para seus alunos. Nesse sentido, as ocupações citadas, em sua maioria, não requerem a formação de nível superior e correspondiam a ocupações mais braçais. A compreensão desse padrão simbólico é aqui erigida ao se recordar do contexto social de atuação dessa profissional. O simples fato de os estudantes que passam por ali alcançarem um posto no mercado de trabalho já se configura como uma vitória, dado que, conforme seu discurso permitiu inferir, trata-se de uma realidade dicotômica preenchida pelo duelo bandido X trabalhador, na qual a violência e a identificação dos adolescentes com os criminosos que comandam as facções já são latentes em seus comportamentos dentro das escolas.

Finalmente, a visão sobre o futuro dos adolescentes é representada pelos profissionais do Pradoso como *Promissor e Marginal* como pode ser observado nestas falas: “*promissor de sucesso*”, “*Abrimos um leque de oportunidades na escola para que eles sigam a carreira acadêmica ou o mundo do trabalho, porém muitos deles se perdem pelo meio do caminho para o mundo da marginalidade*”. Aparentemente contraditórias, as duas representações desta localidade correspondem, cada uma, à expectativa de cada gestor entrevistado. Carregam consigo, pois, o simbolismo de entendimentos distintos sobre realidades bastante similares. Assim como na entrevista com a gestora da cidade de Vitória da Conquista, as menções sobre a influência do crime organizado no comportamento dos alunos também se fazem presente nas projeções dos diretores da localidade de Pradoso. Além disso, somam-se às percepções de desinteresse por parte dos alunos frente às atividades escolares propostas. Comportamento este, que pode refletir a influência de uma série de outros fatores como questões familiares ou econômicas, principalmente quando envolvidos em processos de *exclusão* (ARPINI, 2003).

### Considerações finais

A partir dos dados aqui levantados e, baseando-se nas postulações da Teoria das RS, percebe-se que os cinco entrevistados mesclam experiências presentes tanto no universo reificado quanto no universo consensual. Apoiam-se, desse modo, em saberes das ciências naturais e sociais, bem como em suas experiências de vida. Nesse sentido, guardam consigo as contradições intrínsecas ao senso comum. Com isso, cabe listar as RS que mais apareceram: no subtema *visão geral da adolescência* apresentam-se, em Iguai, as percepções de *Confusão e Mudança*; em Vitória da Conquista, de *Fase Difícil* e de *Construção da Identidade*; e no Pradoso, de *Difíceis de Lidar* e de *Rebeldia*; quanto ao subtema *comportamento dos adolescentes*, em Iguai, destacaram-se *Mudança* e *Desinteresse em um Crescimento Profissional*; em Vitória da Conquista, *Confuso* e *Influenciável*; já no Pradoso, *Rebeldes*, *Relaxados* e *Intensos*; enfim, para o subtema *expectativa de futuro* dos adolescentes, em Iguai, expressam-se as RS *Brilhante* e *Ético*; em Vitória da Conquista, *Sucesso*; e no Pradoso, *Promissor e Marginal*.

Essas categorias listadas carregam noções compartilhadas pela maioria dos sujeitos participantes dos estudos sobre RS mencionados no presente trabalho, ao se discutir a

adolescência. Dessa forma, neste estudo, a predominância dos sentidos de adolescência como uma *fase de mudança* na qual está se *construindo a identidade*, demarcam claramente a percepção da adolescência como um limbo, um momento de moratória, de acordo com Erikson (1987). Por outro lado, a realidade social dos contextos nos quais os entrevistados atuam perpassa as representações voltadas para as *expectativas de futuro e comportamento dos adolescentes*. Têm-se projetado sobre os alunos que eles devem consolidar carreiras profissionais como caminho para um “sucesso” – marcadamente financeiro. Não obstante, os dois entrevistados do distrito de Pradoso apresentaram considerações opostas, entre si, quanto ao futuro dos alunos de suas instituições. Enquanto uma diretora sugeriu um futuro promissor, aliado à inserção dos jovens no mercado de trabalho, e distante da criminalidade, o outro gestor dessa localidade deu maior ênfase ao possível não aproveitamento das oportunidades por parte dos alunos, devido à aproximação desses indivíduos ao mundo da marginalidade. Nesse sentido, é nítido então, que esses profissionais lidam com o desinteresse de estudantes pelas atividades escolares, ao passo que veem o avanço da violência em toda a sociedade, sobretudo nas camadas mais populares. É demasiadamente relevante pontuar nessa consideração que está a se tratar de localidades que convivem diariamente com índices alarmantes de homicídios e de conflitos entre facções criminosas rivais.

Outrossim, ressalta-se que não integra o escopo dessa pesquisa generalizar as RS aqui discutidas para todos os gestores ou coordenadores pedagógicos de escolas públicas de nível médio e fundamental II das localidades nas quais se realizou essa pesquisa. No entanto, os elementos presentes nessas representações são diversos e mutantes, sendo também, perpassados pela influência da dinâmica da interação social.

Nessa perspectiva, observa-se a importância das políticas públicas de educação no âmbito da educação básica e da participação do conhecimento psicológico em sua elaboração, implementação e acompanhamento. Tais políticas, atuando como promotoras de diálogo entre os sujeitos que vivenciam o cotidiano escolar contribuirão para o desenvolvimento de relações sociais em sintonia com a promoção e garantia de direitos.

Espera-se, por fim, que novos estudos possam ratificar ou superar as considerações aqui propostas, alimentando, assim, o movimento dialético de produção do conhecimento científico.

## Referências bibliográficas

ARPINI, D. M. **Violência e exclusão: adolescência em grupos populares**. Bauru: EDUSC, 2003.

ASSIS, S. G. et al. A representação social do ser adolescente: um passo decisivo na promoção da saúde. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 8, n. 3, p. 669-680, 2003.

CAMPOS, C. J. G. Método de Análise de Conteúdo: ferramenta para a análise de dados qualitativos no campo da saúde. **Rev Bras Enferm**, Brasília (DF), v. 57, n. 5, p. 611-514, 2004.

ESPÍNDULA, D. H. P.; SANTOS, M. de F. de S. Representações sobre a adolescência a partir da ótica dos educadores sociais de adolescentes em conflito com a lei. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 9, n. 3, p. 357-367, set./dez. 2004.

ERIKSON, E. H. O Ciclo Vital: Epigênese da Identidade. In: \_\_\_\_\_; **Identidade – Juventude e Crise**. Rio de Janeiro: Guanaraba, 1987.

FARR, R. M. Psicologia social moderna: um fenômeno caracteristicamente americano. **As raízes da Psicologia Social Moderna**. Petrópolis: Vozes, 2010.

JODELET, D. A alteridade como produto e processo psicossocial. In: ARRUDA, A. (Org.). **Representando a alteridade**. Petrópolis: Vozes, 1997, p. 47-67.

LANE, S. T. M. Psicologia Social e uma nova concepção do homem para a Psicologia. In: \_\_\_\_\_; CODO, W. (Orgs.). **Psicologia Social: o homem em movimento**. São Paulo: Ed. Brasiliense, 2004, p. 11-19.

MOSCOVICI, S. **Representações Sociais: investigações em psicologia social**. 3. ed. trad. Pedrinho A. Guareschi. Petrópolis: Vozes, 2003.

\_\_\_\_\_. **Representações Sociais: investigações em psicologia social**. 9. ed. trad. Pedrinho A. Guareschi. Petrópolis: Vozes, 2012.

OLIVEIRA, F. O. de; WERBA, G. C. Representações sociais. In: JAQUES, Maria da Graça Corrêa et al. **Psicologia Social Contemporânea: livro-texto**. 9.ed. Petrópolis: Vozes, 2005. p. 105-117.

SÁ, C. P. de. Representações Sociais: o conceito e o estado atual da teoria. In: SPINK, M. J. P. (org.). **O conhecimento no cotidiano: as representações sociais na perspectiva da psicologia Social**. São Paulo: Brasiliense, 1993, p. 19-45.

SPINK, M. J. P. O Conceito de Representação Social na Abordagem Psicossocial. **Cad. Saúde Pub.**, Rio de Janeiro, 9 (3): 300-308, jul/set, 1993.

## Sobre os autores

### Igor Andrade Santos

Graduando bacharelado em Psicologia pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB) - Brasil. E-mail: [igor.andrade.santos1996@gmail.com](mailto:igor.andrade.santos1996@gmail.com)

### Wallace Sousa Cruz

Graduando bacharelado e licenciatura em Psicologia pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB) - Brasil. E-mail: [wallace890321@gmail.com](mailto:wallace890321@gmail.com)

### Hétone Rodrigues Rocha

Graduando bacharelado e licenciatura em Psicologia pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB) – Brasil; Membro do Núcleo de Estudos e Pesquisa em Prisões, Violência e Direitos Humanos – NEPP-UESB. E-mail: [rochahetone13@gmail.com](mailto:rochahetone13@gmail.com)

### Lígia Maria Portela da Silva

Mestre em Educação (UFSCar); professora assistente da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB)